

VIENA, ÁUSTRIA: NOTAS SOBRE O CONTEXTO DE EMERGÊNCIA DA PSICANÁLISE

*Monah Winograd**

*Perla Klautau***

RESUMO

O saber freudiano está datado e situado num determinado contexto. É a partir disto que se pode entrever sua identidade e sua especificidade como novidade que emergiu, precisamente, na virada do século XIX para o século XX, em Viena. O objetivo deste ensaio é investigar o cenário político e cultural que serve de pano de fundo para a construção do discurso freudiano. Logo de início, é importante ressaltar que não pretendemos estabelecer uma correlação entre o cenário histórico-cultural vienense e os conceitos psicanalíticos, mas, sobretudo, traçar os contornos para que isto possa ser feito num momento posterior.

Palavras-chave: psicanálise; Viena; contexto cultural; contexto político.

ABSTRACT

VIENNA, AUSTRIA: NOTES ON THE CONTEXT OF THE EMERGENCE OF PSYCHOANALYSIS

The Freudian theory is dated and set in a given context. It is from this that one can foresee its identity and its specificity as a novelty that emerged precisely at the turn of the 19th century to the 20th century in Vienna. The goal of this essay is to investigate the political and cultural scene that serves as a background for the construction of the Freudian discourse. From the outset, it is important to note that we do not intend to establish a correlation between the historical-cultural scenario and the Viennese psychoanalytic concepts, but, above all, trace the contours so that this can be done at a later time.

Keywords: psychoanalysis; Vienna; cultural context; political context.

* Psicanalista, Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio.

** Psicanalista, Membro Efetivo do CPRJ, Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio (Bolsista FAPERJ).

Viena não era a cidade natal de Freud mas foi onde, no entanto, ele passou a maior parte de sua vida. Assim como a própria cidade, também a relação de Freud com Viena era paradoxal. Ele a detestava. Mas foi ali que nascera a psicanálise. Recusou-se a fazer dela a sede de sua associação internacional, em 1910, mas, mesmo assim, não queria partir, em 1938, quando os nazistas a invadiram. Como judeu, sentia-se descentrado numa terra que não era a sua, e mais, era racista e xenófoba. Como teorizador do inconsciente, estava preso a suas partilhas e divisões. Como chefe de organização queria colocá-la à distância. Freud viveu o drama de um judeu germanizado, de um sábio racionalista. Durante a primeira guerra foi patriota. Finda a guerra e arruinada a bela Viena, recusou-se a se instalar na Holanda. Era leal à Áustria como Francisco José – imperador austríaco – em relação aos judeus (Roudinesco, 1989).

Este ensaio pretende ser como um ensaio fotográfico de um viajante, no qual se pode ver o cenário, belo ou sombrio, que rodeia o mote da fotografia. Afinal, este é o intuito dos retratos de viagem: fazer ver, a quem interessar, o ambiente que envolve e contamina o viajante. O cenário cultural que se verá nas próximas páginas é, ou parece ser, o século XX ainda engatinhando. O *modernismo*¹ das primeiras décadas do novo século é representado por nomes como Freud, Kokoschka, Klimt, Mahler e muitos outros, não menos geniais. O local é Viena, capital da Áustria, na época Áustria-Hungria. O momento é o final do século XIX.

O IMPÉRIO AUSTRÍACO E A ASCENSÃO DO LIBERALISMO

Entre 1890 e 1910, Viena viu nascer o que se convencionou chamar de *modernidade vienense*. Estes 20 anos são resultado de mutações políticas, sociais e culturais que tiveram início em 1848, quando ascendeu ao trono Francisco José, na época com 18 anos. O império austro-húngaro compunha-se de várias nacionalidades sob o domínio da Áustria: tchecos, iugoslavos, sérvios, húngaros, romenos e venezianos. Assim que o movimento liberal começou em Viena, imediatamente esses povos viram uma chance de autonomia. Este levante teve o caráter de libertação de nacionalidades. E seu fracasso trouxe a reboque toda uma série de decisões políticas que eram meios, aparentemente revolucionários, para

realizar um fim reacionário. A própria duração do reinado de Francisco José deu à monarquia uma estabilidade ilusória. Assim, apesar das medidas paliativas, o velho sistema sobreviveu (Hobsbawm, 1979).

Pelos padrões do final do século passado, a Áustria-Hungria, ou Monarquia Dual, era uma superpotência reconhecida em toda a Europa, com um vasto território, uma estrutura de poder estável e uma grande história de estabilidade constitucional. Durante centenas de anos, a existência da casa de Habsburgo foi um fato político dominante em todos os seus territórios ancestrais. Todavia, pondo de lado o estilo arquitetônico de castelos e municipalidades e as comunidades de língua alemã, dificilmente se nota traços de que o império Habsburgo tenha, um dia, existido de fato. Em 1918, a obra política de séculos desmoronou como um castelo de cartas. Após a Guerra, seguiu-se não apenas a derrocada da autoridade da monarquia, como também de todos os vínculos políticos preexistentes que mantinham a união do império (Janik & Toulmin, 1991).

Em 1866, com a derrota militar da Áustria-Hungria pela Prússia, pôs-se fim às pretensões habsburguesas de hegemonia do mundo de língua alemã. A Monarquia Dual estava reduzida a uma potência de segundo escalão. O exército de Bismarck havia derrotado com uma rapidez constrangedora o de Francisco José. Foi justamente pelas mãos de Bismarck que os liberais, fracassados desde o início, chegaram ao poder, tendo que dividi-lo com a aristocracia e burocracia imperial. Sua base social sempre foi fraca, conseguindo o apoio somente da classe média e dos judeus alemães dos centros urbanos. Cada vez mais identificados com o capitalismo, mantiveram o poder parlamentar graças ao dispositivo não-democrático de direito restrito de voto. Não tardou para que novos grupos sociais formassem partidos de massa para enfrentar a hegemonia liberal. Rapidamente obtiveram êxito, afirmando-se como órgãos gêmeos do liberalismo.

As metas dos liberais eram a transformação do império Habsburgo numa monarquia constitucional, na qual os empresários liberais substituiriam a aristocracia como classe dominante, o estabelecimento de uma forte administração central por via parlamentar e a substituição do catolicismo feudal pelo racionalismo científico – *laissez-faire* – como filosofia oficial do Estado. Estas metas seriam realizadas pelo grupo nacional com profundas raízes culturais: o *Völk* (povo) alemão. Para os que falam alemão, o liberalismo

sempre esteve apoiado em fatos culturais. Já em 1848, o nacionalismo cultural convertera-se em nacionalismo político. Neste mesmo período, as três principais cidades do império austríaco – Praga, Viena e Budapeste – eram todas cidades de língua e população hegemonicamente alemãs. Nos anos 50 e 60, este estado de coisas se modifica, menos em Viena. Todavia, à altura da Primeira Guerra, em 1914, Viena já contava com um considerável número de tchecos que, rechaçados do interior pelas depressões agrárias no final do século XIX, migram para as cidades modificando sua composição demográfica e sua política. O fracasso do liberalismo em conseguir adesão destes novos grupos contribuiu bastante para selar seu destino (Janik & Toulmin, 1991).

Na virada do século, os grupos políticos mais evidenciados em Viena eram movimentos de classes trabalhadoras capitaneados por defecções do liberalismo. Adler, personificando a socialdemocracia austríaca, Lueger, o demagogo social-cristão, Schönerer, o pangermanista e Herzl, profeta do sionismo, todos iniciaram suas carreiras políticas como liberais. A defecção destes homens do liberalismo foi efeito da tradicional incapacidade dos liberais em enfrentar os problemas de crescimento urbano e de industrialização. Adler e os socialdemocratas tentavam dar continuidade ao trabalho construtivo da tradição liberal. Lueger e Schönerer – Herzl por reação – transformaram, por seu turno, a política da razão numa política de fantasia, construída sob a inspiração maléfica do antissemitismo. Adler e Schönerer estiveram ligados à ala radical do partido liberal que redigiu o Programa Linz em 1882. Este programa combinava reformas sociais contrárias ao *laissez-faire* com um nacionalismo abertamente antissemita. Por terem sido incapazes e relutantes na realização de tais reformas, os liberais prepararam o terreno para os movimentos de massa que iriam desalojar por completo o liberalismo moderado de classe média, tanto pela direita quanto pela esquerda (Schorske, 1990).

ADLER, LUEGER, SCHÖNERER, HERZL: O LIBERALISMO CAMINHA PARA O FRACASSO

Viena apresentava graves problemas com os quais o proletariado industrial devia defrontar-se. A crise habitacional, problema crônico,

agravou-se com o rápido crescimento populacional. Em 1910, as pessoas não tinham onde morar. A situação vienense era crítica, ainda que a de outras cidades fosse pior. Nos anos 1880, o operariado vienense ainda estava sujeito ao regime semanal de sete dias, 10 horas por dia. Mulheres, homens e crianças trabalhavam lado a lado. Apenas em 1883 houve algumas reformas que beneficiaram somente as crianças, mas, ainda assim, não muito. Nestas circunstâncias, os trabalhadores formaram organizações de beneficência que se converteram, posteriormente, em sindicatos. Em 1870, obtiveram o direito à negociação coletiva e, finalmente, expressão política com a organização do Partido Social-Democrata em dezembro de 1888 (Janik & Toulmin, 1991).

Antes disso, o Partido Social-Democrata não tinha líderes devido a lutas teóricas que o corroíam interiormente. Foi Adler quem levou os social-democratas à construção do maior partido sem, contudo, dispersar o espectro político que abrangia desde anarquistas até monarquistas. O enfoque de Adler baseava-se na premissa de que a principal preocupação do partido deveria ser a preparação de seus membros para assumir o poder no momento oportuno. Assim, mesmo que o socialismo ultrapassasse os limites do liberalismo ampliando seus objetivos, ele revelava uma continuidade com os ideais da razão e do progresso subscritos pelos liberais. Apesar de ter fracassado como movimento político, o liberalismo não morreu. Até os últimos dias do Império, a maioria das classes média e média-alta vienenses se dizia liberal. Foi exatamente esta continuidade do liberalismo para o socialismo de Adler que o diferenciou dos movimentos rivais inspirados por Lueger, Schönerer, Herzl.

Ao contrário de Adler, Lueger, líder do Partido Social-Cristão, se prestava à demagogia e ao oportunismo. Se o primeiro controlou e canalizou as aspirações políticas do proletariado, o segundo fez o mesmo com a população que se sentia progressivamente espremida entre o *big business* e o trabalho organizado. Ambos ingressaram efetivamente na política no ano de 1888. O pensamento político católico no Império tinha se baseado até aqui numa aristocracia feudal e antiliberal. Lueger contrastou o caráter pessoal idealizado das relações de produção na era pré-capitalista com a situação degradante do proletariado na industrialização capitalista. De alguma forma, Lueger oficializou o antissemitismo

subjacente à sociedade burguesa. Em parte alguma do capitalismo liberal os judeus eram mais preponderantes do que no Império Habsburgo: eram os bodes-expiatórios perfeitos para os anos de depressão que sucederam ao *crash* da bolsa de 1873. Porém, apesar de demagogo, Lueger efetivamente melhorou as condições de vida do pequeno-burguês e da cidade em geral e defendeu a reforma eleitoral (Janik & Toulmin, 1991).

Em contraste, Schönerer rejeitava explicitamente os ideais de razão e progresso, substituindo-os pela política de vontade e poder. O efeito de seu governo foi a introdução na cidade da política de violência do nacionalismo fanático e do antissemitismo doutrinário. Até ser preso por ter destruído e espancado as instalações e o pessoal de um grande jornal vienense, seus adeptos eram estudantes universitários, professores e outros profissionais liberais que se sentiam ameaçados pela concorrência judaica. Adicionavam-se a eles os artesãos, pequenos comerciantes e funcionários subalternos que compartilhavam do mesmo temor. Entretanto, apesar de ter perdido seus principais apoios, Lueger deixou um legado um tanto problemático. Um nacionalismo exacerbado provocou a organização de diversos partidos de trabalhadores que tinham como inimigos comuns os judeus. O nacionalismo de massa, a iniciação na entidade de *Volk*, pela violência nas ruas e batismos de sangue, tinha chegado à monarquia Habsburgo para ficar (Schorske, 1990).

Paradoxalmente, tanto a política de solução final dos nazistas quanto a de criação de um Estado Judaico dos sionistas não apenas surgiram no mesmo lugar, como por origens análogas. A exclusão dos judeus da aristocracia do império levou-os a procurar uma compensação através do ingresso na elite cultural. Voltaram-se para a cultura alemã na intenção de criar uma aristocracia intelectual e estética, escapando à vida do comércio à qual estariam destinados. A origem do sionismo pode ser vista como ainda outra resposta aos problemas de alienação na moderna sociedade de massas, a qual só se propagaria ao resto da Europa depois da Primeira Guerra Mundial. Assim como Schönerer, Herzl também queria conduzir seu povo na fundação de uma nova sociedade, na qual a verdade não seria comprometida por uma aristocracia, uma classe média ou um proletariado. Pelo contrário, seria nutrida por uma elite espiritual, cuja vontade coletiva seria a única responsável por dar-lhe existência (Schorske, 1990).

NACIONALISMO: UMA NOVA CULTURA POLÍTICA

Nos anos 1860, os liberais acreditavam, socialmente, que a aristocracia, tendo estado no poder durante a maior parte da história, estava se liberalizando ou afundando num hedonismo inofensivo e ornamental. Os princípios e programas que constituíam o credo liberal se destinavam a substituir sistematicamente os dos feudais, os dos aristocratas. A monarquia constitucional substituiria o absolutismo; o centralismo parlamentar substituiria o federalismo aristocrático. A ciência substituiria a religião. A própria nacionalidade seria um princípio último de coesão popular num Estado multinacional. Finalmente, o *laissez-faire* romperia o domínio arbitrário do privilégio na esfera econômica e, ao invés do privilégio da caridade, a base da recompensa econômica seria o mérito.

Contudo, a sociedade austríaca não conseguiu respeitar tais coordenadas liberais de ordem e progresso. No último quarto do século XIX, o programa elaborado pelos liberais contra as classes superiores provocou a explosão das inferiores. Os liberais soltaram a energia política das massas contra eles mesmos, ao invés de contra seus inimigos. O *laissez-faire* levantou os revolucionários marxistas do futuro. O catolicismo, expulso da escola e do tribunal como laçao da opressão aristocrática, voltou como a ideologia dos camponeses e artesãos para quem o liberalismo significava capitalismo e capitalismo significava judeus. No fim do século, até mesmo judeus, a quem o liberalismo oferecera a emancipação, a oportunidade e a assimilação à modernidade, começaram a romper com os liberais. O malogro do liberalismo fez dos judeus vítimas, e a resposta mais convincente foi dada pelo sionismo. Portanto, ao invés de unir as massas contra a antiga classe dirigente do alto, os liberais involuntariamente convocaram das profundezas sociais as forças de uma desintegração geral.

O liberalismo não conseguiu controlar as forças sociais liberadas por essa dissolução, as quais geraram um novo movimento centrífugo sob a égide tolerante, mas inflexível, do liberalismo. Os novos movimentos de massa antiliberais surgiam desafiando a tutela da classe média cultivada, paralisando seu sistema político e minando sua confiança na estrutura racional da história. Anunciavam uma nova cultura política em que o

poder e a responsabilidade se integravam de modo diverso do da cultura do liberalismo racional. O pangermanismo, o socialismo cristão e o sionismo representaram uma ruptura revolucionária da tradição do liberalismo austríaco, suscitando uma reação mais traumática na comunidade liberal.

Ao ingressar no século XX, tanto a tenacidade do imperador quanto o conflito de nacionalidades que dificultava governar o Império cresciam sensivelmente. O nacionalismo se desenvolvia. Paradoxalmente, foram as reformas modernizadoras de Francisco José que despertaram a consciência nacional latente no império. Em meados do século XIX, no entanto, a consciência nacional converteu-se numa espécie de política particularista que levou, em última instância, à guerra destruidora do regime Habsburgo e, com ele, a tudo o que os habsburgos simbolizavam na Europa Central. O esforço em introduzir o alemão no lugar do latim, de modo a dinamizar a administração imperial, originou como reação o nacionalismo cultural húngaro e tcheco, que se converteria, oportunamente, em nacionalismo político. O nacionalismo eslavo na economia e na política produziu o nacionalismo alemão nos mesmos campos, que deu origem ao antisemitismo que teve como reação natural judaica o sionismo. A intransigência de uns gerou a intransigência de outros (Janik & Toulmin, 1991).

De qualquer modo, no fim, os assuntos monárquicos apresentavam um formalismo que encobria o vácuo e o caos. Os povos e os intelectuais não pareciam divergir em suas opiniões sobre o imperador nos últimos anos da superpotência Habsburgo. Entretanto, a existência do imperador continuava sendo, para muitos, pelo menos a classe média, surpreendentemente real, assim como a Cidade dos Sonhos. Mas Viena era especial dentre as terras do império, porque aí se atingia, ao menos parcialmente, uma consciência supranacional e cosmopolita que era a única chance de sobrevivência da dinastia. Francisco José era o responsável pelos esplendores externos de Viena *fin-de-siècle*, reconstruída entre 1858 e 1888, como se o imperador pretendesse apagar as marcas de 1848. Esse era o cenário físico de uma Viena rapidamente convertida em mais que uma cidade: num modo de vida. Talvez se possa ver aqui uma mostra daquilo que viria a ser o esteticismo exacerbado e o sensualismo que a burguesia insistiu em não abandonar.

FREUD E VIENA: PARADOXOS E AMBIGUIDADES

Na virada do século, Viena apresentava uma característica bastante peculiar: seus mais refinados intelectuais se preocupavam com o indivíduo numa sociedade em desintegração. Daí resulta, sem dúvida, a contribuição austríaca para uma nova concepção de homem. Enquanto a cultura liberal tradicional centrava-se sobre o homem racional – cujo domínio científico sobre a natureza e o conseqüente moral sobre si deveriam criar a boa sociedade –, no século XX este homem deu lugar ao chamado homem psicológico. Ele aparece a partir da crise política cultural vienense que dividira a cidade entre um moralismo científico e um esteticismo contraditórios, porém não excludentes. A *intelligentsia* tinha, desse modo, sua forma de defesa contra a crise.

No final da monarquia, Viena era, sobretudo, uma cidade da burguesia que adquirira seu caráter individual durante a segunda metade do século XIX num momento de expansão industrial. Enormes fortunas se fizeram garantindo a base para uma sociedade patriarcal cujos valores eram, principalmente, a razão, o progresso, a ordem, a perseverança, a autoconfiança, a conformidade disciplinada com os padrões do bom gosto e da ação. O que estivesse à margem dessas diretrizes deveria ser radicalmente evitado. Media-se o sucesso de um homem pelo que ele possuía. A sociedade não abriu mão da ordem e das tradições do passado: a estabilidade era a maior virtude. Cada família, cada lar era como um microcosmo da monarquia em que o pai de família, autoridade absoluta, tinha como tarefa básica garantir a ordem e a segurança. Mas o lar era também um refúgio do mundo, dos enfadonhos detalhes do mundo dos negócios. O lar burguês criou, desse modo, um isolamento que somente a Guerra vai destruir, deixando seus habitantes frente a aspectos cruéis da realidade que não sabiam como enfrentar.

O que se nota nessa sociedade é o artificialismo evidente que regia toda a concepção de vida burguesa. A marcante ausência de estilo revelava a verdadeira face dessa era: as aparências determinavam o *status*. Não tendo estilo próprio, o burguês imitava o passado, adornando suas casas com imitações de artes de épocas anteriores; desse modo a burguesia expressava sua tendência a imitar a antiga aristocracia católica da monarquia habsburgo.

Para provar ser alguém, era preciso dedicar-se às artes com o mesmo afincamento com o qual se dedicava aos negócios. Os vienenses que chegaram à idade adulta nessa época estavam tão saturados de valores estéticos que eram quase incapazes de reconhecer outros valores.

A arte era, para o burguês, o instrumento de instrução metafísica e moral. O gosto estético era a medida do *status* socioeconômico de alguém. Para a geração seguinte, Jung Wien, contudo, a arte tornou-se um modo de vida. Inovadora e voltada para o futuro contrastava com a geração mais velha. A sociedade na qual foi criada centrava sua vida no teatro e no folhetim, suprassumo dos jornais da época. Pôr em palavras o que se passava na alma humana era o modo de formular uma opinião ou juízo. O *status* dos pais, adquirido via negócios, significava muito pouco para os jovens, devotos da arte pela arte, única tarefa merecedora de atenção. Era preciso dar voz ao poeta que cada um era por natureza. Porém os pais, tendo-se estabelecido com sucesso na antiga ordem, defendiam-na com ardor e firmeza, esforçando-se em silenciar a natureza inovadora que despontava na geração mais moça. Em todo o caso, era assim que os jovens estetas viam o sistema educacional². A única forma de evitar um mundo retrógrado para os mais jovens era trocá-lo pela vida artística, frequentando cafés boêmios, o que equivalia a rotular-se de esteta decadente e amoral.

Politicamente a classe média, particularmente a jovem classe média vienense, dificilmente reconhecia a gravidade da situação que se desenrolava diante de seus olhos: “não *degagé* nem *engagé*, o esteta austríaco estava alienado não de sua classe, mas com ela, de uma sociedade que derrotava suas expectativas e rejeitava seus valores” (Schorske, 1990, p. 1304-1305; tradução nossa). Antes de 1914, o único vestígio que se tinha de que a estabilidade imperial acobertava um desencontro essencial entre aparência e realidade foi fornecido por um caso envolvendo traição militar e homossexualismo³. Extremamente conservadora a moralidade burguesa fora atingida em seu âmago pela notícia de um caso de homossexualismo nos altos escalões do exército. Mas, justamente, aí estava o caso de alguém que triunfara porque fora capaz de dissimular a si próprio. Artificialidade e fingimento eram, na sociedade burguesa, mais regra que exceção. O importante em todos os aspectos da vida burguesa eram as aparências e os adornos apropriados.

Dois conjuntos de valores podem, como já foi citado anteriormente, ser claramente distinguidos na Viena da segunda metade do século XIX: um moral-científico e, outro, estético. A cultura moral e científica da alta burguesia vienense assemelhava-se muito ao vitorianismo corrente noutras partes da Europa. Moralmente era convicta, virtuosa e repressora; politicamente importava-se com o império da lei ao qual os direitos individuais e a ordem social estavam submetidos; intelectualmente defendia o domínio da mente sobre o corpo, o progresso social via ciência, educação e trabalho árduo. No início do século XX, a cultura dos sentimentos se sobrepôs à cultura moralista da burguesia, minando-a com seu amoralismo. Um bom exemplo é o artista plástico Gustav Klimt, execrado pela crítica que qualificava suas obras de atentados ao pudor e obscenidade.

Entretanto, o que dá à burguesia austríaca sua especificidade é, entre outras coisas, o fato de que se mostrava incapaz de destruir ou de se fundir de todo com a aristocracia. A dependência e lealdade ao imperador se mantinham. Para os burgueses e os judeus, a via de acesso à aristocracia era a cultura, o que não dissolvia as dificuldades. A cultura tradicional aristocrática era bastante diversa da cultura legalista e puritana dos burgueses e judeus. Católica, plástica e sensual, a aristocracia concebia a natureza como um cenário de alegria, manifestação da graça divina e glorificada pela arte. Por outro lado, a cultura burguesa tradicional via a natureza como o que devia ser dominado pela imposição da ordem sob leis divinas. Esteticismo e cientificismo caminhavam lado a lado, imbricando-se e confundindo-se.

Ao absorver a cultura estética, o burguês absorve junto o sentimento de casta e função – hierarquia – que a aristocracia conservava apesar de sua decadência. Porém o burguês, fosse qual fosse seu lugar na sociedade, não podia apagar sua herança individualista. Ele interiorizava a cultura estética para cultivar o seu eu, sua unicidade pessoal. Tal tendência levou, inevitavelmente, à preocupação com a vida psíquica individual. Neste sentido, a burguesia vienense parece se assemelhar aos românticos, para quem o cultivo de si era o primeiro passo para se chegar a algum lugar mais interessante. Não havia como negar uma herança romântica que influenciava a visão de mundo dessa época. A cultura do sentimento da burguesia condicionava o modo de pensar dos intelectuais e dos artistas

refinando sua sensibilidade, de um lado, e gerando seus problemas de outro⁴.

Assim, nos anos 1890, a burguesia educada, tentando assimilar-se à cultura aristocrática da elegância, apropriou-se da sensibilidade estética e sensual sob a forma secularizada, distorcida e individualista. Os movimentos políticos de massa, pelo enfraquecimento da confiança liberal tradicional no legado de racionalidade, lei moral e progresso, emprestam a essa tendência estética já existente uma intensidade especial. A ruína do liberalismo transformou ainda mais essa herança estética numa cultura de nervos sensíveis, hedonismo inquieto e ansiedade. Contudo, não se tratou do abandono de uma cultura por outra: a *intelligentsia* liberal austríaca não deixou o fio de sua tradição, sua cultura moralista-científica da lei.

Além disso, o sexo tinha lugar garantido nas mentes burguesas, mas sob a forma de horror e acinte. Os burgueses, conservadores e moralistas, silenciavam a este respeito estabelecendo como que um pacto. Ao lado de uma inibição ostensiva e uma ignorância a respeito de questões sexuais, havia uma ênfase dissimulada do tema. A geração mais velha via-o como uma força anárquica a ser completamente regulamentada pela sociedade, enquanto que os mais jovens não só discutiam-no como faziam dele fonte de estudos artísticos e literários em meio a ensaios científicos a seu respeito.

Viena tinha, desse modo, um caráter sempre ambíguo e contraditório: era, a um só tempo, a velha capital de um império decadente e o berço de uma cultura moderna em franca efervescência. Como se a cidade não decidisse entre um passado glorioso, cada vez mais longínquo, ou um futuro novo e moderno. Daí a grande dificuldade enfrentada pelos que queriam inovar, ou seja, pelos *modernos*, que tinham que se defrontar com o meio cultural reputadamente conservador e hostil às menores audácias. Para estes, a situação vienense era como um empecilho aos seus trabalhos nos mais variados campos, desde a medicina até a literatura. Jamais puderam pensar Viena como o berço da modernidade: essa cidade era, antes, um bastião dos arcaísmos (Le Rider, 1992). Contudo, os próprios *modernos* reconheciam a autoridade dos antigos, revelando um modernismo hesitante e inseguro. Um certo sentimento de perda parecia sempre presente ao lado de uma decadência que demandava reação (Le Rider, 1992).

Esse era o ambiente que cercava o jovem Freud, ávido por conhecimentos e dedicado ao estudo e à construção de um novo saber. Apesar de avesso a

acontecimentos e convívio sociais, Freud não podia deixar de ser influenciado pelos valores de seu tempo. Também nele se pode notar a convivência de uma herança estética profundamente erudita e um cientificismo que ele defendeu até o fim da sua vida. Apenas o fato de Freud ter vivido a maior parte de sua vida em Viena, de ter construído sua família nessa cidade e de ter aí concebido sua obra não retira uma certa leviandade da afirmação de que a psicanálise é vienense. Isto não quer, contudo, dizer que a influência da sociedade e dos valores vienenses possa ser posta de lado. É necessário, então, investigar de que modo as relações entre Freud e a capital austríaca se desenrolaram. Relações estas ambíguas e paradoxais, exatamente como a própria cidade o era nos seus mais variados aspectos.

As relações entre Freud e Viena eram estreitas. O que não significava que fossem boas. Viena não gostava de Freud. A hostilidade a seus trabalhos provinha não apenas dos meios acadêmicos, científicos e médicos, como também das esferas oficiais e, durante muito tempo, de grande parte do público. Por sua vez, Freud detestava Viena, em parte certamente por conta dessa recusa obstinada de suas ideias. Mas esse ódio de Freud por Viena, expresso tantas vezes em cartas à sua noiva e a Fliess, era singular. Ele jamais realizou seus projetos de emigração, demonstrando pela cidade uma inesperada fidelidade.

O contexto que o rodeava era o de um ambiente efervescente de crise política quase contínua. Nos últimos cinco anos do século passado, a Áustria-Hungria se desintegrava social e politicamente. O império Habsburgo se dissolvia internamente. Até os anos 1890, as forças políticas em questão tinham sido as clássicas: liberais *versus* conservadores. Agora, contudo, estratos sociais inferiores geravam forças contestatórias contra as elites mais antigas. Do operariado surgira o socialismo, do campesinato e da classe média baixa nasceram o nacionalismo e o socialismo cristão mais virulentos. Viena era governada por Lueger, um antisemita declarado. O preconceito racial e o ódio nacional que se julgavam dissolvidos, ou ao menos controlados pela razão e pelo domínio da lei, ressurgiam com um impacto assustador. Freud, por formação familiar e filiação étnica, fazia parte de um grupo social bastante ameaçado pelos novos movimentos: a comunidade judaica liberal. Mesmo não sendo um político, era impossível não acompanhar a ascensão da nova direita ao poder. Era

nessa época que Freud, em seu recolhimento social e intelectual, esboçava a teoria psicanalítica. Os fenômenos psíquicos estavam começando a ser dissociados da anatomia cerebral: neurônios e representações eram não mais que concomitantes dependentes (Freud, 1895/1990).

Em agosto de 1898, a política estava especialmente aquecida: o inverno fora de violências entre tchecos e alemães, o problema linguístico permanecia sem solução. Em junho tinham acontecido explosões antissemitas violentas na Galícia. Freud vivia o drama de um judeu germanizado, pertencendo, de um só lance, à geração dos pais e dos filhos. Nas artes, seu gosto era o de um burguês liberal: preferia o clássico ao moderno. Filho de um negociante judeu, rejeitou, como os artistas inovadores, os negócios e o comércio para dedicar-se à medicina. Assim, esbarrou, de perto ou de longe, em grandes nomes da sociedade vienense da época.

Freud não estava, mesmo que quisesse, completamente isolado da intelectualidade de Viena. Mesmo não compartilhando os mesmos gostos e valores dos modernos, não deixou de ser atravessado por seu sopro. Em duas ocasiões escreveu a Schnitzler, em 1906 e 1922. Na primeira, constatou que as ideias do escritor sobre sexualidade e psicologia se assemelhavam as suas. Na segunda, fez uma confissão: não havia procurado visitá-lo por temor de encontrar o seu duplo (Roudinesco, 1989; Schorske, 1990). Essa parecia ser a lógica das relações de Freud com os artistas da sua época. Ele descobrira pelo trabalho árduo o que os poetas conheciam espontaneamente. A expressividade romanesca ou poética fora substituída por um discurso que se queria científico.

Como judeu, Freud não se converteu, como tantos outros, numa época de franca assimilação. Colocou ao longe os ideais religiosos nos quais fora criado para poder analisá-los em suas contradições internas. É interessante notar que muitos artistas, escritores, pensadores e sábios, cujos nomes estão associados a Viena *fin-de-siècle*, são judeus suficientemente integrados à vida social para renová-la, mas não para aderir cegamente a seus valores. Posição conflituosa para alguns, privilegiada para outros: sendo a assimilação uma tentação constante, era possível vencê-la de alguma forma para que sua identidade sobrevivesse. Segundo alguns comentadores, criar a psicanálise foi, para Freud, um modo de afirmar sua identidade cultural, estabelecendo uma visão crítica da sociedade (Jaccard, 1982). Para outros, Freud, confuso

na consciência de si mesmo, de seus valores e direitos, produz uma nova ciência e um novo modo de pensar. O surgimento da psicanálise estaria, então, intimamente relacionado à questão judaica (Robert, 1976).

De qualquer modo, mesmo ignorando a *revolução estética* que reagia contra o conservadorismo da pintura de gênero e da pintura histórica – como a psicanálise relativamente à psiquiatria médica e à psicologia universitária –, é certo que Freud participa do mesmo espírito caracterizado por um questionamento das regras tradicionais e das convenções morais e pelo acento posto sobre a questão da sexualidade. Se esta é trazida à tona como algo a ser pensado, não o é apenas por Freud, embora ele o tenha feito de modo particularmente original. Ela estava presente nos mais variados discursos artísticos, literários e até mesmo naqueles que silenciavam a seu respeito. Afinal, silenciar é um modo bastante eloquente de falar. Assim, Freud fez parte de um conjunto do qual não pode ser destacado. Entretanto, é preciso lembrar que, se a psicanálise tem sua especificidade, Freud desejava ser admitido pela burguesia médica e universitária de seu tempo. Ele reconhecia a ciência como discurso de verdade, tentando, mesmo no fim de sua obra, guardar uma certa identidade de cientista.

O importante é que o que pode ser atribuído à cultura vienense na criação da obra freudiana, como na das obras inovadoras da virada do século, é antes fruto de uma impossibilidade do que de uma relação harmoniosa. Para os mais lúcidos e exigentes, a herança cultural da velha Áustria não podia mais ser aceita sem uma crítica de suas múltiplas contradições – étnicas, morais, sociais, políticas – que formavam feridas em todos os cantos de um edifício extremamente sedutor. Em Viena se encontraram, no limiar do novo século, as principais doutrinas que marcam a modernidade, desde a própria psicanálise até a solução final dos nazistas. Julgamentos possíveis à parte, Viena viu nascer de suas contradições e idiossincrasias um novo modo de pensar e ver o mundo, traduzido em obras memoráveis, como a de Freud, com sua forma diferenciada de pensar o homem, como a de Klimt, com seus desenhos belíssimos, a de Musil, com sua literatura primorosa, a de Mahler, com sua música preciosa. Como se do desencanto surgissem sempre novas ilusões, da ruína a possibilidade de pensar diferentemente. Afinal, a verdade é assim: escorregadia e sempre prometida ao futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andler, C. (1958). *Nietzsche – Sa vie et sa pensée*, v. I. Paris: Gallimard.
- Assoun, P.-L. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago.
- Baudrillard, J. (2003). Modernité. In: *Encyclopaedia Universalis*, v. 12, pp. 424-426. Paris.
- Comini, A. (1981). *Gustav Klimt*. Londres: Thames and Hudson.
- Foucault, M. (1985). *História da sexualidade*, v. I. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Freud, S. (1895/1980). Projeto para uma psicologia científica. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. I. Rio de Janeiro: Imago.
- Halévy, D. (1989). *Nietzsche: uma biografia*. Rio de Janeiro: Campus.
- Hobsbawm, E. (1979). *A era das revoluções, 1789-1848*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- Jaccard, R. (1982). Freud et la société viennoise. In: *Histoire de la psychanalyse* (pp. 121-136). Paris: Hachette.
- Janik, A. & Toulmin, S. (1991). *A Viena de Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Campus.
- Le Rider, J. (1992). *A modernidade vienense*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Robert, M. (1976). Freud et Vienne. In: Jaccard, R. (org.). *Freud, jugements et témoignages* (pp. 45-60). Paris: P.U.F.
- Roudinesco, E. (1989). *História da psicanálise na França, 1885-1939*, v. I. Rio de Janeiro: Zahar.
- Schorske, C. E. (1966-1967). The transformation of the garden: ideal and society in Austrian literature. *American Historical Review*, v. 72, n. 4, pp. 1283-1320.
- Schorske, C. E. (1990). *Viena fin-de-siècle*. São Paulo: Cia da Letras.

NOTAS

- 1 Neste ensaio as categorias de modernidade e modernismo serão utilizadas indiferenciadamente. Uma melhor discussão acerca disto não cabe neste estudo, apesar de ser profundamente importante se se quiser pensar Viena *fin-de-siècle* como o berço da modernidade ou, até mesmo, do que se chama hoje de pós-modernidade. Sobre este assunto, cf. Le Rider, 1992 e Baudrillard, 2003.
- 2 Zweig, um jovem poeta que viveu nessa época, escreveu nessa autobiografia que, por ser o sistema tão repressivo, qualquer pensamento ou ação em desacordo com a autoridade tradicional gerava culpa e mal-estar. Cf. Janik, A. & Toulmin, S., 1991, p. 40.
- 3 Em maio de 1913, descobriu-se que o subdiretor do Serviço de Informação do Exército Imperial e Real, Alfred Redl, era não apenas um traidor, mas tinha sido motivado pela necessidade de financiar uma vida dupla: a de funcionário de alto escalão do exército e a de homossexual. Cf. Janik, A. & Toulmin, S., 1991.
- 4 Uma boa ilustração disto é Arthur Schnitzler, que se tornara escritor cedendo à convicção moderna de que era preciso conhecer e compreender o espírito dos homens em detrimento da carreira médica vista com bons olhos por seu pai. Cf. Schorske, 1990.

Recebido em: 20/04/2014

Aprovado para publicação em: 10/06/2014